

Revista Adventista

Salmo 23

O Senhor é meu pastor; nada me faltará.

Não me faltará descanso: deitar-me faz em verdes pastos.

Não me faltará bebida: guia-me mansamente a águas tranquilas.

Não me faltará direcção: guia-me pelas veredas da justiça pelo amor do Seu nome.

Não me faltará perdão: refrigera a minha alma.

Não me faltará companheiro: ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum, porque Tu estás comigo.

Não me faltará conforto: a Tua vara e o Teu cajado me consolam.

Não me faltará alimento: preparas uma mesa perante mim na presença dos meus inimigos.

Não me faltará alegria: unges a minha cabeça com óleo, o meu cálix transborda.

Não me faltará nada neste mundo: certamente a bondade e a misericórdia me seguirão todos os dias da minha vida.

Não me faltará nada na eternidade: E habitarei na casa do Senhor por longos dias.

QUE LERÃO NOSSOS FILHOS?

por E. G. WHITE

Que lerão nossos filhos? Esta é uma questão séria, e que exige uma séria resposta. Perturba-me ver, entre as famílias observadoras do sábado, periódicos e jornais que contêm histórias em série, as quais não deixam impressão para o bem na mente das crianças e jovens. Tenho observado aqueles cujo gosto pela ficção foi assim cultivado. Tiveram o privilégio de ouvir a verdade, de familiarizar-se com as razões da nossa fé; mas chegaram aos anos mais avançados destituídos da verdadeira piedade e religião prática. Não manifestam devoção, e não reflectem sobre os seus companheiros a luz celestial, para os levar à Fonte de todo o verdadeiro conhecimento.

É durante os primeiros anos da vida da criança que a sua mente é mais susceptível a impressões, sejam boas ou más. Durante esses anos, faz-se decidido progresso, quer na direcção certa, quer na errada. De um lado, muita informação inútil pode ser adquirida; do outro, conhecimento muito sólido e valioso. A força do intellecto, o saber substancial, são possessões que o ouro de Ofir não pode comprar. O seu preço está acima do ouro ou da prata.

Aquela espécie de educação que habilita os jovens para a vida prática, eles naturalmente não a escolhem. Insistem em seus desejos, seus gostos ou aversões, preferências e inclinações; mas se os pais têm idéias correctas a respeito de Deus, da verdade e das influências e associações que deveriam rodear os filhos, compreenderão que sobre eles repousa a responsabilidade por Deus dada, de guiar cuidadosamente a juventude inexperiente.

Muitos jovens são ávidos por livros. Lêem qualquer coisa que possam obter. Apelo para os pais desses jovens, a fim de que governem o desejo deles pela leitura. Não permitais sobre as vossas mesas revistas e jornais em que se encontrem histórias de amor. Preenchei o lugar desses com livros que auxiliem os jovens a porem na formação do seu carácter o melhor material: — o amor e o temor de Deus, o conhecimento de Cristo. Animaí os vossos filhos a armazenar na mente conhecimento

valioso, a deixar que aquilo que é bom ocupe a alma e dirija as suas faculdades, não dando lugar a pensamentos baixos, aviltantes. Restringi o desejo pela leitura que não forneça ao espírito bom alimento. O dinheiro despendido com revistas de ficção pode não parecer muito; mas é demasiado para ser gasto naquilo que tanto se presta para o fim de transviar, e de volta tão pouco dá que seja bom. Os que estão no serviço de Deus, não devem gastar tempo nem dinheiro com leitura que não seja proveitosa.

Leitura Inútil

O mundo está inundado de livros que melhor seria queimar do que fazê-los circular. Melhor seria que nunca fossem lidos pela juventude livros sobre assuntos sensacionais; publicados e circulados com o fim de gastar dinheiro. Há em tais livros uma fascinação satânica. A emocionante relação de crimes e atrocidades tem sobre muitos um poder sedutor que os leva a meditar sobre o que podem fazer no sentido de obter fama, mesmo mediante as mais iníquas acções. As enormidades, as crueldades, as práticas licenciosas, expostas nalguns dos escritos estritamente históricos, têm agido como fermento em muitos espíritos, determinando o cometimento de acções semelhantes.

Livros que esboçam práticas satânicas de seres humanos, estão a dar publicidade ao mal. Não é necessário deter-se na consideração desses horríveis particulares, e pessoa alguma que creia na verdade para este tempo deve tomar parte em perpetuar a lembrança dos mesmos. Quando o intellecto é alimentado e estimulado por este alimento depravado, os pensamentos tornam-se impuros e sensuais.

Há outra espécie de livros: — histórias de amor e contos frívolos e excitantes, livros estes que são uma maldição para todo que os lê, mesmo que o autor possa aplicar uma boa moral. Muitas vezes declarações religiosas se acham entretécidas por todos esses livros; mas na maioria dos casos Satanás apenas está vestido em trajes de anjo, para enganar e seduzir os incautos. A prática da leitura de histórias é um dos meios empregados por Satanás para destruir as almas. Produz excitação

falsa, doentia, escalda a imaginação, inabilita o espírito para a utilidade, e para todo o exercício espiritual. Afasta a alma da oração e do amor às coisas espirituais.

Os leitores de contos frívolos e excitantes tornam-se inaptos para os deveres da vida prática. Vivem em um mundo irreal. Tenho observado crianças a quem se consentiu adquirir o costume de ler tais histórias. Quer em casa quer fora de casa, achavam-se inquietas, sonhadoras, incapazes de conversar a não ser sobre os assuntos mais triviais. Pensamentos e conversas religiosas eram inteiramente alheios ao seu espírito. Cultivando o apetite pelas histórias sensacionais, perverte-se o gosto da mente, e o espírito não se satisfaz a menos que seja nutrido com tal alimento prejudicial. Não posso imaginar expressão mais apropriada para designar os que condescendem com tal leitura, do que a de ébrios mentais. Hábitos intemperantes na leitura têm sobre o cérebro um efeito idêntico àquele que os hábitos de intemperança no comer e no beber exercem sobre o corpo.

Os que condescendem com o hábito de «devorar» uma história excitante, estão simplesmente invalidando a sua força mental e inabilitando o espírito para o pensamento e investigações vigorosas. Alguns jovens, e mesmo pessoas de idade madura, têm sofrido de paralisia, proveniente de nenhuma outra causa que não o excesso na leitura. A força nervosa do cérebro foi conservada em constante excitação, até que esse maquinismo delicado se tornou exausto, recusando-se a agir. Algumas partes de seu delicado mecanismo deram de si, e como resultado houve paralisia.

Há homens e mulheres, no declínio da vida, os quais nunca se restabeleceram dos efeitos da intemperança no ler. O hábito adquirido em seus primeiros anos cresceu com sua idade e fortaleceu-se com sua força. Seus decididos esforços para vencerem o pecado de abusarem do intellecto, foram em parte bem sucedidos; mas nunca recuperaram o completo vigor do espírito, o qual Deus lhes conferira.

Autores Ateus

Outra fonte de perigos contra que devemos estar constantemente de sobreaviso, é a leitura de autores ateus. Tais obras são inspiradas pelo inimigo da verdade, e ninguém as pode ler sem fazer perigar a alma. É verdade que alguns dos que por elas são affectados podem refazer-se final-

mente; mas todos os que se põem ao alcance de suas más influências colocam-se no terreno de Satanás, e ele tira disto a maior vantagem. Convidando eles as suas tentações, não têm sabedoria para discernir nem força para a elas resistir. Com um poder fascinante, sedutor, a incredulidade se apodera da mente.

Estamos constantemente cercados pela incredulidade. A própria atmosfera parece estar carregada da mesma. Únicamente com esforço perseverante podemos resistir ao seu poder. Aqueles que dão valor à sua salvação devem evitar os escritos ateísticos, como evitariam a lepra.

Ocupação prévia do terreno

O melhor meio de impedir o crescimento do mal é ocupar previamente o terreno. Em vez de recomendar a vossos filhos que leiam «Robinson Crusoe», ou histórias fascinantes da vida real, como «A Cabana do Pai Tomás», abri-lhes as Escrituras, e despendei algum tempo cada dia, lendo e estudando a palavra de Deus. O gosto mental deve ser disciplinado e educado com o máximo cuidado. Devem os pais começar cedo a desvendar as Escrituras à mente em desenvolvimento de seus filhos, a fim de que se possam formar hábitos convenientes de pensamento.

Nenhum esforço deve poupar-se no sentido de estabelecer hábitos correctos de estudo. Se a mente divaga, fazei-a voltar. Se o gosto intellectual e moral foi pervertido pelo excesso de trabalho e excitantes contos de ficção, de maneira a não haver inclinação para o espírito se aplicar, há uma batalha a ferir-se a fim de vencer este hábito. O amor à leitura de ficção deve ser de pronto vencido. Regras severas devem ser postas em execução, para conservar o espírito na direcção devida.

Entre um campo inculto e a mente não-educada há semelhança notável. Na mente das crianças e jovens o inimigo semeia o joio e, a menos que os pais vigiem atentamente, ele crescerá, produzindo seu mau fruto. É necessário incessante cuidado ao cultivar-se o terreno do espírito, e ao lançar-se nele a preciosa semente da verdade bíblica. Às crianças deve ensinar-se a rejeitar os contos levianos, excitantes, e volver à leitura sensata, que levará o espírito a ter interesse na narração, história, e argumentação da Bíblia. A leitura que lança luz sobre o sagrado volume, e desperta o desejo de o estudar, não é perigosa, mas sim proveitosa.

A lição da Escola Sabatina

A Escola Sabatina proporciona a pais e filhos uma oportunidade para o estudo da palavra de Deus. Mas, a fim de que adquiram o benefício que deveriam alcançar na Escola Sabatina, cumpre tanto a pais como a filhos dedicar tempo ao estudo da lição, procurando obter completo conhecimento dos factos apresentados, e também das verdades espirituais que estes factos se destinam a ensinar. Devemos especialmente impressionar o espírito dos jovens com a importância de procurar o amplo significado da passagem em consideração.

Pais, separai um bocado de tempo cada dia para o estudo da lição da Escola Sabatina juntamente com vossos filhos. Deixai a visita de sociabilidade, se necessário for, de preferência a sacrificar a hora dedicada às lições de história sagrada. Tanto pais como filhos receberão benefício deste estudo. Confieis-se à memória as passagens mais importantes da Escritura ligadas à lição, e isto não como uma tarefa, mas como um privilégio. Embora a princípio a memória seja deficiente, ganhará força pelo exercício, de modo que depois de algum tempo vos deleitareis em assim armar as palavras da verdade. E tal hábito se demonstrará um valiosíssimo auxílio no crescimento espiritual.

A. Leitura no Círculo da Família

Mostre o nosso povo ter vivo interesse na obra médico-missionária. Preparem-se para ser úteis, estudando a literatura que foi preparada para nossa instrução em tais assuntos. Os que estudam e praticam os princípios do viver saudável, serão grandemente abençoados, física e espiritualmente. A compreensão da filosofia da saúde é uma salvaguarda contra muitos males que estão continuamente aumentando.

Pais e mães, obtende o auxílio que perderdes, mediante o estudo de nossos livros e publicações. Tomai tempo para ler a vossos filhos, nos livros de saúde, bem como nos livros que tratam mais particularmente de assuntos religiosos. Ensinai-lhes a importância de cuidar do corpo — a casa em que vivem. Formai um círculo familiar de leitura, e, pondo, cada membro da família, de lado as preocupações do dia, una-se no estudo. Especialmente receberá benefício, unindo-se neste estudo familiar à noite, o jovem que se tenha acostumado a ler romances e livros baratos de histórias.

A Bíblia

Acima de tudo, tomai tempo para ler a Bíblia — o Livro dos livros. O estudo diário das Escrituras tem influência santificadora, enobrecedora, sobre o espírito. Ligai o volume sagrado ao vosso coração. Ele se vos mostrará amigo e guia na perplexidade.

Tanto velhos como novos negligenciam a Bíblia. Não fazem dela seu estudo, a regra de sua vida. Os jovens, especialmente, são culpados dessa negligência. A maioria deles encontra tempo para ler outros livros, mas aquele que indica o caminho da vida eterna não é diariamente estudado. Histórias ociosas são lidas atentamente, ao passo que a Bíblia é negligenciada. Este livro é nosso guia para uma vida mais elevada e santa. Os jovens o declarariam o mais interessante livro que jamais leram, se a sua imaginação não estivesse pervertida pela leitura de histórias imaginárias.

As mentes juvenis deixam de atingir o seu mais nobre desenvolvimento quando negligenciam a mais alta fonte de sabedoria — a palavra de Deus. O facto de nos acharmos no mundo de Deus, em presença do Criador; o facto de sermos feitos à Sua imagem; de que Ele vela por nós e nos ama e cuida de nós — eis maravilhosos temas para o pensamento, e que levam a mente a amplos, exaltados campos de meditação. Aquele que abre a mente e o coração a temas, como esses, jamais ficará satisfeito com assuntos triviais, de sensação.

A importância de buscar um completo conhecimento das Escrituras, dificilmente pode ser avaliada. «Divinamente inspirada», capaz de nos fazer sábios «para a salvação», tornando o homem de Deus «perfeito e perfeitamente instruído para toda a boa obra» (2 Tim. 3:15-17), a Bíblia tem o mais sagrado direito à nossa reverente atenção. Não nos devemos satisfazer com um conhecimento superficial, mas buscar saber o inteiro sentido das palavras de verdade, beber profundamente do espírito dos Santos Oráculos.

*Assinar a «REVISTA ADVENTISTA»
corresponde a ter à mão um repositório
de artigos do máximo interesse espiritual,
directrizes seguras para a marcha dos diferentes
Departamentos e as notícias mais interessantes do
Movimento Adventista através do Mundo e no campo português.*

«Não farás para ti imagem de escultura»

por ENNIS V. MOORE

O título deste artigo é a primeira frase do segundo mandamento do decálogo. Os preceitos dos dez mandamentos «são adaptados a toda a humanidade, e foram dados para a instrução e governo de todos. Dez preceitos breves, compreensivos, e dotados de autoridade, abrangem os deveres do homem para com Deus e seus semelhantes; e todos baseados no grande princípio fundamental do amor. Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento, e a teu próximo como a ti mesmo.» (S. Lucas 10:27; Deuteronomio 6:4; Levítico 19:18). Nos dez mandamentos estes princípios são apresentados detalhadamente, e aplicáveis às condições e circunstâncias do homem.» — *Patriarcas e Profetas*, p. 319.

O primeiro mandamento ordena-nos que façamos da adoração de Deus, nosso Criador, o objecto de suprema importância. Com efeito, Deus deve ter o primeiro lugar em nossa vida. Não há nenhum outro igual a Ele. O segundo mandamento proíbe a adoração de imagens e ídolos; somente Deus, o Criador, deve ser adorado como divino. O quarto mandamento determina um tempo definido para a criatura adorar a seu Criador. Os mandamentos do quinto ao décimo definem os deveres e obrigações nas relações entre nós e nossos semelhantes.

Pelo primeiro mandamento vemos que «Jeová, o Ser eterno, existente por Si mesmo, incriado, sendo o originador e mantenedor de todas as coisas, é o único que tem direito a reverência e culto supremos. Proíbe-se ao homem conferir a qualquer objecto o primeiro lugar nas suas afeições ou serviço. O que quer que acariciemos que tenda a diminuir nosso amor para com Deus, ou se incompatibilize com o culto a Ele devido, disso fazemos um deus.» — *Idem*, pp. 329 e 330.

É pecado adorar imagens e ídolos

«O segundo mandamento proíbe o culto ao verdadeiro Deus por meio de imagens ou semelhanças. Muitas nações gentílicas pretendiam que suas imagens eram meras

figuras ou símbolos pelos quais adoravam a Divindade; mas Deus declarou que tal culto é pecado. A tentativa de representar o Eterno por meio de objectos materiais rebaixaria a concepção do homem acerca de Deus. A mente, desviada da perfeição infinita de Jeová, seria atraída para a criatura em vez de o ser para o Criador. E, rebaixando-se suas concepções acerca de Deus, semelhantemente degradar-se-ia o homem.» — *Id.*, p. 330. O primeiro mandamento condena a adoração de deuses falsos; o segundo proíbe as suas falsas formas. Satanás esforça-se por impedir-nos de adorar a Deus correctamente, e de colocá-l'O em primeiro lugar em nosso coração e em nossa vida. Ele deseja que permitamos que alguma imagem, algum ídolo feito pelo homem, ocupe nosso coração e mente. Deseja que consintamos em que esta coisa tome o lugar de Deus, e isto pode apropriadamente ser chamado pecado. Certamente Satanás está disposto a permitir-nos que adoremos a Bíblia, o crucifixo, a igreja, nossos filhos — qualquer coisa, enfim, contanto que não adoremos a Deus.

Não encontramos na Bíblia um único texto que mostre ter jamais sido permitido ao homem adorar a alguma criatura ou a algum objecto a não ser a Deus, o Pai, e a Jesus Cristo, Seu unigénito Filho. Os santos anjos não permitiriam aos decaídos homens prostrarem-se ante eles e adorarem-nos. Meus queridos irmãos, é pecado ajoelhar-se diante de uma gravura, uma imagem, uma cruz, um ídolo e adorá-lo, ou adorar a Deus por meio disso. Adoremos a Deus, e a Deus tão-somente, por intermédio de Jesus Cristo nosso Senhor! Ele é suficiente para a nossa salvação!

Certamente, é estultícia adorar um pedaço de pedra, de madeira ou de ouro! Isaías e o salmista salientam grandemente a estultícia dos que fazem e dos que adoram ídolos. Aarão fez um bezerro de ouro, mas Deus disse a Moisés que o destruísse. Que grande estultícia é pensar em adorar objectos inanimados, que têm olhos mas não vêem, ouvidos mas não ouvem, boca têm mas não falam nem comem! Jesus deseja entrar em nosso coração, e não meramente estar pendurado em forma de gravura ou crucifixo nas paredes de nossa casa. Ele está batendo à porta de nosso coração. (Apoc. 3:20).

Fotografias e gravuras não são proibidas

A pergunta que surge na mente de alguns (e creio que eles são sinceros) é a seguinte: Destina-se o segundo mandamento a proibir o uso de gravuras, desenhos e fotografias? Algumas pessoas nos dizem que este mandamento proíbe absolutamente qualquer destas semelhanças, e, portanto, condenam todas as gravuras. Não concordo com elas. «O segundo mandamento proíbe o culto ao verdadeiro Deus por meio de imagens ou semelhanças.» — *Ibidem*. Imagens esculpidas, ídolos, gravuras, desenhos e coisas semelhantes não podem ser usadas como objecto de adoração religiosa. Tal adoração é contrária ao mandamento; é pecado. «Não farás para ti imagem de escultura... Não te encurvarás a elas nem as servirás.» É puramente uma questão de adoração! O segundo mandamento requer adoração espiritual. Deus deve ser adorado em espírito, não por meio de coisas materiais.

Diz-se em Êxodo que Deus ordenou que se fizessem as canas do candeeiro para o tabernáculo com três copos, cada uma delas, «a modo de amêndoas, uma maçã e uma flor»; e o manto do ephod tinha nas bordas, alternadamente, uma campainha e uma romã. (Êxodo 25:33 e 34; 37:19 e 20; 39:22-26). Como poderia Deus ordenar alguma coisa que violasse o segundo mandamento? Ele também ordenou que fizessem «dois querubins de ouro». (Êxodo 25:18-20). O fazer não é que era pecado, pois que Deus mesmo o ordenara; mas essas coisas não deveriam ser objecto de adoração. Só Deus deveria ser adorado. Se se adorasse uma gravura ou uma imagem, isto seria, indubitavelmente, pecado. Considerando alguém uma gravura como objecto de adoração, então deveria pô-la de lado. O mesmo é verdade a respeito de uma «imagem de escultura».

O segundo mandamento não se refere

a gravuras. A tradução inglesa de John Moffat reza: «Não esculpíreis nenhum ídolo para vós mesmos, a forma de qualquer coisa no céu, acima, ou na terra, em baixo, ou no mar; não te encurvarás a eles nem os adorarás...»

Fotografias e gravuras, com o fim de decoração ou ilustração, não são ídolos ou imagens «de escultura», e, portanto, não são proibidas pelo segundo mandamento. Fotografias como recordações, não podem entrar sob o segundo mandamento, a não ser que alguém se encurve ante elas e as sirva. Neste caso, com certeza, elas devem ser postas de lado. A Deus o primeiro lugar! Ele é que deve ser adorado!

Gravuras na Literatura Adventista

Creio que Satanás se sentiria satisfeito e grandemente honrado se pudesse induzir os publicadores da nossa maravilhosa literatura a tirar de suas páginas todas as gravuras e ilustrações. Ele sabe que muitas pessoas não a comprariam e assim não receberiam o conhecimento da verdade para os nossos dias. Não hesito em dizer que é Satanás que põe na mente dos filhos de Deus o aplicar o segundo mandamento ao uso de ilustrações e gravuras na literatura adventista.

Nunca ouvi de uma alma sincera que começasse a adorar imagens e ídolos por causa da literatura adventista, mas conheço centenas que abandonaram essa adoração e começaram a adorar o verdadeiro Deus, o criador dos céus e da terra, e a guardar o verdadeiro sábio por intermédio da literatura adventista.

Continuemos a boa obra; vendamos milhares dos nossos bons livros onde vendemos apenas centenas. Ilustremo-os artisticamente. Almas se sentirão atraídas a eles, e assim receberão a última mensagem de advertência a esta geração extraviada.

O CINEMA

por R. R. FIGUHR

«Entre os meios mais perigosos a que se recorre em busca de prazer, está o teatro. Em vez de uma escola de moralidade e virtude, como é tantas vezes dito ser, é a mais eficiente das estufas em que é incubada a imoralidade. Hábitos vicio-

sos e propensões pecaminosas são fortificados e desenvolvidos nesses entretenimentos. Cânticos de baixo teor, gestos impudicos, expressões e atitudes libidinosas que depravam a imaginação e rebaixam a moral. Todo o jovem que frequenta tais

exibições ficará minado nos seus princípios de sã moral. Não há, na nossa terra, influência mais venenosa para envenenar a mente, destruir as impressões religiosas e obumbrar o desejo por uma vida tranqüila com recreios sãos e pelas sóbrias realidades da vida, que os divertimentos teatrais. O amor por tais cenas aumenta à proporção em que são assistidas como a bebida forte se torna cada vez mais requerida pelo organismo dos que a usam. Só há um meio seguro, para quem quiser escapar às influências de tais lugares: é evitá-los. — o teatro, o circo, ou outros quaisquer lugares de diversões duvidosas. — *Testimonies*, vol. IV, pp. 652, 653.

Eis aqui um testemunho muito claro quanto à frequência do teatro. É uma prática malsã e perigosa, tão bem definida no parágrafo acima citado, e cujas tendências são deletérias. Não há dúvida de que tal condenação inclui o cinema. Tem a mesma tendência que essas outras diversões, e a tem de um modo assustador. Leia-mos as seguintes citações:

O dr. Sheaf, reitor da Igreja de Cristo, de Brooklyn, Nova Iorque, diz: «A indústria da cinematografia é o maior inimigo da civilização, pior do que o comércio de licores. Por toda uma geração tem sido a escola de crimes em todas as nações.» — *The Devil's Camera*, p. 12.

O pastor L. H. Christian, um dos vice-presidentes da Associação Geral, formulou a seguinte estatística assustadora:

«As estatísticas do número dos cinemas, assim como dos seus «habitués», são ator-

doadoras. Dizem que os Estados Unidos têm 20.050 cinemas; as Ilhas Britânicas, 5.125; o Canadá, 1.100; as Américas latinas, 3.981; o Extremo Oriente, 3.976. Na própria África e lugares que tais, atrasados, como sabemos, o cinema está-se tornando muito comum, também. O capital empregado só nessa indústria monta à estúpida soma de dois e meio bilhões de dólares. A maior quantia cabe à América. No entanto, a média da frequência semanal, aos cinemas, na Grã-Bretanha, é de 26.400.000; ou seja, mais de metade de toda a população. Isto talvez queira dizer que três quartos da população adulta das Ilhas Britânicas assiste ao cinema uma vez por semana...

«Um censor de filmes, na Bélgica, relatou o caso de uma criança que ficou repentinamente louca, ao assistir a uma fita de derramamento de sangue. Os meninos que assistem ao cinema naquele país afirmam que aprenderam a furtar, a jogar, a beber, nesse antro de perdição. Com as meninas é assunto muito mais sério.»

Pode alguém argumentar que há fitas boas e que muito se pode aproveitar delas. Assistir, por essa razão, seria justificável, não fosse o avultado enxerto de coisas espúrias, e, mais que isto, francamente prejudiciais que vêm de mistura, em fitas «boas». Por que frequentar um lugar pululante de maldade, para obter uma insignificância de qualquer coisa que possa ser boa? A única regra segura para o cristão é buscar recreação que o seja — beneficie a sua saúde física, e fortaleça a sua espiritualidade.

LARES DIVIDIDOS

por F. M. WILCOX

Alguns dos nossos leitores vivem em lares divididos. Para auxílio e animação sua, se possível, é que escrevo hoje. Algumas dessas almas isoladas me têm escrito pedindo conselhos quanto à maneira como devem agir sob certas circunstâncias. Falo desses como almas solitárias, porque essa expressão descreve bem as suas condições de vida. Talvez o marido seja incrédulo. Não conhece o Senhor; tem, por conseguinte, pouco interesse nos assuntos religiosos. A esposa não tem ninguém com quem se unir em oração. Caso haja filhos, a mãe deve manter o altar

de oração familiar, animar os filhos a lerem a Bíblia e a assistirem aos cultos e à escola sabatina.

Por outro lado, o marido interessa-se nos prazeres mundanos, e em mundanos empreendimentos. Sente-se ofendido porque a companheira não vai com ele aos cinemas ou a outras diversões mundanas. Visto a esposa cristã não poder fazer isso, surgem as críticas, para destruição da paz doméstica.

Como se deve a esposa relacionar com essas probantes circunstâncias? Eis a questão que me tem sido repetidamente apresentada, e que hoje desejo considerar.

(Continua na página 16)

ATRAVÉS DO MUNDO ADVENTISTA

Escola de Enfermagem reconhecida no México

O Hospital e Sanatório de Montemorelos, Nuevo León, México, e a Escola de Enfermagem têm feito excelente progresso desde o estabelecimento do Hospital em 1946. A Escola de Enfermagem graduou a sua primeira classe em Fevereiro de 1951.

Acerca do reconhecimento oficial da Escola de Enfermagem, escreve a sua directora, Miss Marguerite Pengh:

«Foi recebida uma comunicação oficial da Universidade de Nuevo León, México, dizendo que a Escola de Enfermagem do Hospital e Sanatório de Montemorelos tinha sido incorporada na Universidade. Este reconhecimento tem a vantagem de dar aos graduados da Escola a oportunidade de serem registados no Estado de Nuevo León. A Universidade é também reconhecida na cidade do México, e isto implica que os nossos graduados aí serão também reconhecidos. Cremos que Deus nos deu uma grande vitória neste reconhecimento. A comissão que visitou a escola de enfermagem mostrou-se particularmente interessada com o novo lar das enfermeiras.

«As oportunidades para o emprego de enfermeiras graduadas é boa no México. Há mais lugares do que poderemos começar a suprir só na nossa obra denominacional, tanto no México como noutras partes da Divisão Inter-Americana.»

Grande número de baptismos na Jamaica

Na Conferência da Jamaica Ocidental, em 24 de Junho baptizaram-se 540 conversos na bela Baía de Montego. Calcula-se que testemunharam a cena para cima de 20.000 pessoas. Nove comboios especiais e grande número de automóveis e camionetas trouxeram os membros e amigos das vilas e aldeias vizinhas para testemunharem esta cerimónia.

Vinte ministros oficiaram no baptismo, incluindo três ministros de cor, vindos da Califórnia.

No mesmo dia, 410 pessoas foram baptizadas na Conferência da Jamaica Oriental, perfazendo um total de 950 pessoas baptizadas no mesmo dia.

Durante os primeiros seis meses de 1950 baptizaram-se na ilha para cima de 2.000 pessoas. Os pregadores leigos de ambas as conferências merecem uma grande parte do crédito por este grande sucesso de almas ganhas. — *G. E. Peters.*

Literatura Adventista para cegos

A «Christian Record Benevolent Association», de Lincoln, Nebraska, é uma organização de beneficência sem quaisquer interesses materiais.

Pela generosidade de amigos simpaticantes durante um período de cinquenta e um anos, têm aumentado em tamanho, número e circulação as publicações mensais gratuitas, levando ao maior número possível dos 300.000 leitores dos caracteres Braille dos Estados Unidos e Canadá «raios de luz» através de publicações mensais gratuitas. Hoje, aproximadamente seis toneladas de papel em relevo, em cinco jornais — «The Christian Record», «Bible Expositor», «Children's Friend», «Life and Health» e «Sabbath School Monthly» — vão para 14.000 endereços. Além da literatura corrente, uma biblioteca ambulante de muitos volumes é utilizada diariamente por muitos cegos. O Curso Bíblico por Correspondência, bem como muitos outros serviços, é igualmente gratuito para os cegos. — *P. D. Gerrard.*

Evangelização no Equador

De todos os pontos do campo mundial nos chegam relatórios acusando sensíveis progressos.

Consideremos, por exemplo, o Equador, que sempre foi um país refractário às actividades missionárias. O número total de nossos membros, depois de 45 anos de esforços, não excedia 260. Em Agosto de 1950, Walter Schubert, secretário da Missão Interior da Divisão Sul-Americana, deu uma série de reuniões evangélicas em Gayaguil. Em poucas semanas, contaram-se 147 baptismos, e no próximo futuro mais de cem pessoas se juntarão ainda à nossa igreja. Além disso, os antigos membros despertaram, e decidiram ganhar para Cristo 250 pessoas — uma por cada membro!

A Escola Sabatina em Moçambique

O Departamento da Escola Sabatina é o fundamento do nosso sucesso. As escolas anexas trazem um auxílio notável ao trabalho da evangelização. Infelizmente, é-nos impossível abrir outras, por falta de membros capazes de ensinar. Mas, desde que me dei conta disso, organizei um curso nocturno de monitores. Tenho a esperança de formar assim bons obreiros para a Escola Sabatina.

Talvez o número de membros (1.305) vos pareça exagerado se o comparardes com o precedente. Mas eis a razão: há seis meses, lançámos uma campanha em favor da Escola Sabatina com pregadores leigos que lançaram um bom fundamento para

a obra de evangelização e organizaram ao mesmo tempo dezasseis escolas anexas, algumas das quais contam mais de 150 membros. Não inscrevemos como membros senão pessoas que tenham assistido à Escola cinco ou seis vezes seguidas. Procuramos suprir a penúria de monitores. — *Samuel José Graça.*

Missão do Bongo

Temos em nossas Escolas Sábatinas da Missão do Bongo 493 membros que se preparam para o baptismo. A nossa missão conta 4.409 membros da Escola Sabatina, e fazemos planos para chegar a 5.000 até ao fim deste ano. — *Armando Casaca.*

A Convenção de Obreiros em Paris

Nos dias 16 a 21 de Julho, reuniram-se em Paris, na igreja adventista do Boulevard de l'Hôpital, grande número de obreiros, vindos de todos os campos da Divisão Sul-Europeia. Portugal também teve larga representação. Da Conferência Geral estiveram presentes o vice-presidente L. K. Dickson, secretário da Associação Ministerial R. A. Anderson, secretário da Escola Sabatina L. L. Moffit, secretário da Imprensa J. R. Ferren e A. L. White, neto de E. G. White.

Foram focados vários assuntos importantes, em relação com a terminação da Obra de Deus nos nossos dias, mas, sem dúvida, os que mais prenderam a atenção do Congresso foram o Espírito de Profecia e a urgente preparação da igreja para a recepção da chuva serodia. Foi demonstrado que o mundo já se encontra pronto para os últimos acontecimentos que hão-de pôr termo à sua história, mas que, infelizmente, há uma entidade que ainda não está preparada, e essa é a igreja remanescente. Deus está esperando, e espera há já dezenas de anos, isto é, há dezenas de anos que o mundo já devia ter acabado e o povo de Deus já devia estar na pátria celeste. Se a igreja de Deus enferma pelas fraquezas naturais, pelo mundanismo, pelo pecado, não acordar agora aos incessantes apelos do Espírito de Deus, e se não se arrepender sinceramente para receber a «última chuva» do Espírito que a há-de habilitar para a proclamação da mensagem

de Deus e a resistir nas últimas sete pragas, Deus vai permitir que venha a perseguição e o sofrimento que a leve a fazê-lo. O que a igreja não fez em tempo de paz e de prosperidade terá de fazê-lo em tempos de sofrimento e dificuldades indescritíveis. O momento é solene e todos os obreiros se comprometeram a prestar, com o auxílio divino, a devida atenção às admoestações e instruções do Espírito de Profecia, há tanto tempo desprezadas, e a guiar os membros das suas igrejas no estudo e prática das mesmas.

Foram expostos ao exame dos congressistas vários documentos, como cartas da irmã White, escritas no princípio do movimento, assim como a Bíblia da família White, a qual pesa cerca de nove quilos, e que a nossa irmã manteve numa das mãos, com o braço estendido, durante meia hora. Muitos dos presentes quiseram fazer a experiência mas, no geral, ninguém aguentou mais de 15 segundos.

Todos os obreiros da nossa larga Divisão, que tiveram o privilégio de assistir a este importante Congresso, devem tê-lo deixado profundamente impressionados e decididos, mais do que nunca, a aceitar a direcção e o poder de Deus para a realização da Sua Obra.

Que Deus nos ajude a todos, obreiros e membros, a conhecer os perigos e a solenidade da hora presente.

A. F. Raposo

CONGRESSO DA JUVENTUDE

Após tantos meses de preparação e expectativa, realizou-se finalmente o Congresso da Juventude em Paris, de 24 a 29 de Julho.

Já com dois ou três dias de antecedência, começavam a chegar delegados das terras mais longínquas, entre as quais a nossa. Sorrisos, apertos de mão, a princípio grupos por idiomas, e dentro em breve os laços estreitavam-se, vencendo as próprias barreiras linguísticas. Agora são finlandeses, suecos, noruegueses, dinamarqueses, que chegam; depois são 1.200 alemães; não faltam os austríacos e os italianos; os ingleses e norte-americanos impõem-se pelo seu número; e no dia 24 à noite encontram-se presentes para cima de 5.000 jovens, que se reúnem para o maior congresso adventista jamais realizado na Europa.

A organização fora confiada aos Secretários dos M. V. das três Divisões do Continente (Norte, Central e Sul-Europeia), respectivamente Irs. E. L. Minchin, W. Racker e J. J. Aitken. Os dirigentes dos M. V. da Conferência Geral — Irs. Dunbar, T. Lucas e Skinner — ali estavam também, não só marcando a sua presença, mas imprimindo a sua dinâmica orientação aos trabalhos do Congresso. Outros dirigentes ali se encontravam, vindos já da Convenção de Obreiros, realizada poucos dias antes.

Foi no espaçoso Parque das Exposições, à Porta de Versalhes, que se realizou o Congresso. Dois grandes dormitórios abrigavam, em leitos de campanha, todo este exército juvenil. Em dois amplos refeitórios nos reunimos para as apetitosas refeições.

Num grande salão, que poderia conter à vontade dez mil pessoas, se realizaram as reuniões. Pela primeira vez na história de Paris se falou a tantos ouvintes, por meio de tantos intérpretes e alto-falantes. Cada grupo linguístico tinha de facto um intérprete, cuja voz era transmitida por alto-falante apenas para aqueles a quem era dirigida. Uma ampla tribuna, levando centenas de pessoas, estava artisticamente armada ao centro do salão, com as bandeiras de todas as nações representadas no Congresso, e um facho luminoso ao meio, ladeado pelas simbólicas palavras: «Levanta-te e ilumina o mundo».

Podiam ainda ver-se, aqui e além, gabinetes especiais, destinados aos mais diferentes serviços: um para cada Divisão, para administração, imprensa, publicações, educação, informações, polícia, prontos-socorros, etc.

Trabalhos do Congresso

Com a chegada da tocha simbólica, vinda por avião da Suíça, berço da primeira sociedade dos M. V. na Europa, e levada por corredores (um por cada nação) do aeroporto ao Parque das Exposições, inaugurava-se oficialmente o Congresso, às 20,45 do dia 24.

Num ambiente de entusiasmo seguiram-se as reuniões desde as 9 da manhã até às 10 da noite. Algumas delas ficaram indelévelmente gravadas na mente de quantos assistiram, entre as quais estamos certos de que figura a mensagem do Pastor W. R. Beach.

Além de mensagens por dirigentes de experiência, tiveram lugar demonstrações práticas sobre a maneira como os M. V. fazem o trabalho em toda a parte. Chamou em especial a atenção o trabalho que os M. V. belgas estão fazendo em Bruxelas.

Durante três serões — de quarta, quinta e sábado — foi apresentado um programa especial por cada uma das divisões representadas no Congresso.

Através do programa da divisão Norte-Europeia, revivemos algumas cenas dos começos da pregação da mensagem do Advento na Inglaterra e na Escandinávia. Particularmente emocionante, a cena da pregação pelas crianças na Suécia.

Eminentemente artístico foi o programa, quase todo ele musical, apresentado pela Divisão Central-Europeia.

«A tocha da verdade brilha na Europa através dos Séculos» foi o tema do programa da Divisão Sul-Europeia, através do qual pudemos presenciar cenas desde o sonho de Paulo, passando pelos colportores valdenses e pelos heróis da Reforma, até ao repto lançado pela juventude de hoje a um mundo em trevas.

O Sábado foi um dia particularmente abençoado. Começando pelo culto de Sexta à noite, dirigido pelo Pastor R. A. Anderson, teve o seu ponto culminante no ser-

viço da manhã, pelo Pastor E. W. Dunbar, verdadeiro culto de consagração, no fim do qual dezenas, íamos a dizer centenas, de jovens ainda não baptizados tomaram a sua decisão de entregar o seu coração a Deus e preparar-se para o baptismo.

A tarde de Sábado foi tomada com um colorido e interessante programa — «Panorama de nossos campos missionários» — em que se ouviram representantes dos mais diferentes países de missão, nos seus trajes característicos.

No Domingo, continuaram os trabalhos, salientando-se à tarde uma imponente parada, que foi filmada, como aliás todo o Congresso, e na qual tomaram parte todas as delegações, com os seus respectivos estandartes, bandeiras nacionais e trajes regionais.

Finda ela, teve lugar um serviço de investidura, ao ar livre, em que dezenas de jovens líderes receberam os seus respectivos emblemas.

Após este serviço, realizou-se no salão a reunião final. Nela tomaram a palavra os dirigentes dos M. V. da Conferência Geral e das diferentes Divisões. Foram proferidas palavras de entusiástico encorajamento e de sentida saudade. Por vezes a voz tremeu e as lágrimas assomaram. Num grande cordão de mãos dadas ficaram encerrados todos os congressistas — símbolo de que a união que agora os estreitava continuará a ser um facto pela vida fora.

Todos saímos daqui com a determinação de consagrar as nossas energias ao

serviço e de pôr em prática o lema que orientou o Congresso: «Levanta-te e ilumina o mundo».

Estamos certos de que este Congresso constituirá o começo de uma nova era na história dos M. V. na Europa.

A Representação Portuguesa

A nossa delegação era constituída por 29 jovens, que, com alguns adultos e obreiros que ficaram da Convenção realizada dias antes, perfaziam um total de quarenta e oito portugueses.

Os trajes regionais vestidos pelas nossas jovens chamavam particularmente a atenção pelo seu colorido e pitoresco. Nunca elas estiveram tantas vezes, até então, diante das objectivas de máquinas fotográficas!

Um dia, tomámos parte na demonstração prática de como os nossos M. V. fazem trabalho missionário. Além disso, tivemos o nosso lugar no programa da Divisão Sul-Europeia, no Sábado à noite, em que procurámos fazer reviver os heróis da fé através dos séculos da Inquisição.

Ao voltarmos ao nosso País, vimos decididos a pôr em prática o muito de bom que aprendemos e a consagrar como nunca as nossas energias às actividades dos M. V. da União Portuguesa.

O Secretário dos M. V. da União Portuguesa
Ernesto Ferreira

A MARCHA DA COLPORTAGEM

A pesar de privados da colaboração de três dos nossos melhores colportores — dois em viagem e um doente — Julho foi o melhor mês de vendas durante 1951.

Embora os dados numéricos não correspondam à verdade, em virtude de alguns relatórios terem chegado atrasados e outros ainda nos não terem sido entregues, acreditamos que 20 contos de vendas foi qualquer coisa de bom. Em todo o caso, se queremos alcançar o alvo proposto em Janeiro pelo Conselho da União, teremos que carregar no acelerador, visto que, com a marcha que temos trazido, nunca alcançaremos os 250.000\$00.

Foi este o maior alvo proposto ao Depar-

tamento de Publicações, desde todos os tempos — mais 50 contos que em 1950. No entanto, com os olhos fitos no céu e com um pouco de optimismo, acredito que o alcançaremos, tanto mais que, a esta hora, dois dos nossos colaboradores da página impressa, um em Moçambique e outro em S. Tomé, estão começando o trabalho e será com alegria que veremos os nossos relatórios subirem, logo que cheguem os primeiros dados do seu trabalho. Tanto o Ir. Carrilho como o Ir. Escudeiro são competentes para testemunharem da nossa mensagem através dos livros, desde que a sua saúde não seja abalada. Reconhecemos o perigo a que estes dois colportores estão expostos, dada a diferença de clima,

e por isso não esqueçamos de suplicar ao Senhor que guarde estes nossos irmãos, que, ao partirem, o fizeram com a certeza da promessa divina: «O Senhor é quem te guarda: O Senhor é a tua sombra à tua direita. O sol não te molestará de dia nem a lua de noite». (Sal. 121:5,6).

Esperamos, dentro de dias, logo que terminem as chuvas na Guiné e em Cabo Verde, enviar a estas ilhas o colportor Melo que, em virtude da sua experiência, poderá fazer um bom trabalho. A Guiné, assim como Moçambique, são campos virgens para a nossa revista de higiene «Saúde e Lar», e, por isso, milhares de livros e revistas serão colocados até Dezembro.

Com três bons colportores no Ultramar e com tão bom exército de soldados de Cristo, como dispomos no continente, sem-

pre prontos a empunharem os seus livros para vencerem o príncipe das trevas, que procurará impedir que a luz da verdade seja levada às almas, estamos certos que obteremos grande vitória durante os cinco meses que nos restam deste ano.

Uma média de 28.000\$00 por mês, e o grande Golias será lançado por terra.

Se os nossos colportores se capacitarem que não são simples caixeiros viajantes, mas sim obreiros de Deus, empenhados numa causa justa, e se não se esquecerem de pedir cada manhã a assistência divina para o seu nobre trabalho, então todas as nuvens se desfarão, e o sol da justiça brilhará em seus corações.

Como não disponho de espaço para fazer referências pessoais, chamo a vossa atenção para o relatório que segue.

DEPARTAMENTO DE PUBLICAÇÕES DA UNIÃO PORTUGUESA RELATÓRIO DE JULHO DE 1951

NOMES	HORAS	LIVROS	REVISTAS	TOTAL
António G. Duarte	199	1.520\$00	21.555\$00	3.075\$00
João G. Pestana	27	1.200\$00	1.000\$00	2.200\$00
Diversos			2.000\$00	2.000\$00
Maria L. Saboga	155		1.875\$00	1.875\$00
João J. Nobre	159	1.650\$00	50\$00	1.700\$00
Orlando C. Tavares	81	1.590\$00		1.590\$00
Isaías da Silva	152	1.350\$00		1.350\$00
Flora Saramago	161			1.185\$00
Idalina Ferreira	47		1.125\$00	1.125\$00
José dos Santos	70	1.080\$00		1.080\$00
Adelino N. Diogo	36	930\$00	85\$00	1.015\$00
Júlia Sanches	156		985\$00	985\$00
José da Costa	38	450\$00		450\$00
Júlio de Melo	50		375\$00	375\$00
Rita Pinheiro	32	355\$00		355\$00
José Baião	20	300\$00		300\$00
	1.383	10.425\$00	10.235\$00	20.660\$00

FERNANDO GARCIA MENDES

Uma saudosa mãe em Israel

—Rosa Grelhe

Fez no dia 31 de Julho dez anos que faleceu, no Barreiro, a Irmã Rosa dos Santos Gouveia, mais conhecida entre nós por Irmã Rosa Grelhe.

Quantos se não lembram dela com saudade!

Na sua vida é-nos dado, uma vez mais, ver bem patente o poder do Evangelho e

como Deus se serve dos humildes para realizar a Sua obra de salvação.

Apesar de seu pai ter tido alguns conhecimentos da Bíblia e de ter guardado o Sábado sem ser membro baptizado, foi durante uma prolongada doença que ela se sentiu impelida a entregar o coração a Jesus. Foi então que, embora quase analfabeta, começou a soletrar avidamente

a Bíblia Sagrada, que uma sua filha acabara de comprar. E tudo quanto se lhe apresentava como sendo a vontade de Deus resolvia cumprir o melhor possível.

Na altura, vivia ela a uns cinco quilómetros do Barreiro, onde não existia membro algum baptizado. Logo que se lhe ofereceu a oportunidade, foi a Lisboa, a fim de assistir ao culto de Sábado, que muito apreciou. Continuou a ir, e em breve era baptizada.

O primeiro impulso do seu coração convertido foi trazer outras almas a Cristo.

Para se manter, andava de porta em porta com um jumento, vendendo cal. Mas junto com a cal trazia a Bíblia Sagrada e dela falava àqueles com quem entrava em contacto. Contava-lhes a doce história de Jesus. Ensinava-lhes o caminho da salvação. Convidava-os a assistir às reuniões da nossa igreja em Lisboa. Perante a afirmação de que a viagem ficava cara, chegava a pagar a passagem a muitas pessoas.

A propósito da sua generosidade para com a causa do Evangelho, lembramos que desejou tomar a sua quota parte na preparação de uma obreira, a quem ofereceu dois mil escudos que recebera em herança, para auxiliar os seus estudos em Collonges.

Fora especialmente dotada para tratar doentes. Tendo começado por tratamentos simples, chegou a fazer curas que maravilhavam. A um rapaz, que passara seis meses no hospital, donde saíra de muletas, e a quem os médicos disseram que nunca mais poderia trabalhar, restabeleceu ela por completo. Certos dias, a sua casa enchia-se literalmente de pessoas que iam receber curativos. Orava por cada uma delas, e costumava dizer que as curas não eram resultado das pomadas nem da sua sabedoria, mas do poder de Deus. E eram esses tratamentos um meio para aproximar muitas almas de Jesus...

Teve o privilégio de levar directamente às águas do baptismo dezanove almas, além de muitas outras que aceitaram a mensagem por sua influência indirecta.

Como resultado do seu trabalho, passado algum tempo constituía-se a igreja do Barreiro, que hoje conta cinquenta e sete membros activos, monumento perene da fidelidade e consagração de uma humilde senhora, quase completamente surda e que mal sabia ler.

E. Ferreira

NOTÍCIAS DO CAMPO

PASTOR MARCELINO VIEGAS — A caminho de Paris, onde foi assistir à Convenção de Obreiros, esteve entre nós alguns dias o Pastor Marcelino Viegas, director da Missão da Madeira.

MANUEL MIGUEL — Pelo mesmo motivo, esteve igualmente entre nós o Ir. Manuel Miguel, que tem a seu cargo a Igreja de Ponta Delgada.

A ambos os irmãos desejamos não só uma boa estadia entre nós, como também um feliz regresso aos seus campos de trabalho.

JOÃO CHAVES — No dia 7 de Julho chegou a Lisboa o Ir. João Chaves, filho do nosso professor no Bongo, Ir. V. Chaves.

Tendo completado os seus estudos no Helderberg College, da África do Sul, este jovem está fazendo planos para seguir entre nós o curso de medicina, depois de oficializar o curso liceal.

Desejamos-lhe bom êxito nos seus estudos e que o Senhor o ajude a preparar-se para ser um instrumento de valor na Sua causa.

CABO VERDE

Praia

Metade do ano passou já para a história, levando consigo as oportunidades aproveitadas e as desaproveitadas.

Metade do ano passou e é razoável que demos um balanço ao nosso trabalho, revendo o que foi feito e o que ficou por fazer.

O primeiro trimestre foi passado com preocupações de doenças constantes. Minha esposa foi operada em S. Vicente, onde nos retivemos dois meses, o que decerto afectaria o nosso trabalho na Praia e a atenção às outras ilhas.

Mantivemos no entanto, com a boa colaboração do nosso professor Ir. Morgado, em seguimento um esforço de Evangelização na Praia, que só parou por falta de verba.

E, pois, no segundo trimestre que vemos alguns resultados concretos.

Convidado à Brava e Fogo, visitei em fins de Maio estas ilhas, onde, por felicidade, apenas permaneci uns doze dias...

Na Brava, os irmãos já havia três dias que estavam, por assim dizer, à espera do barco «Senhor das Areias», pois ninguém sabe ao certo da sua chegada.

Numa parte de um dia que lá permaneci, deu-nos Deus a alegria de baptizar cinco novos irmãos e celebrar religiosamente o casamento de dois jovens irmãos. Momentos breves mas inesquecíveis pelo alto e santo significado.

Regressando ao Fogo, onde devia permanecer mais tempo, por especial pedido do nosso irmão

Gregório Rosa, ali me esperava a maior surpresa. Sexta-feira, ainda sem sol, saímos a cavalo, em direcção à serra, onde residem a maioria dos nossos irmãos. Depois de algumas horas de caminho, chegámos ao primeiro povoado, e depois de anunciarmos o programa do dia seguinte, logo seguimos para outro e assim durante o dia, sendo ainda deliciosos com alguns esplêndidos «cajus», que nos dessedentaram. Visitámos a sala de culto, onde fizemos preparativos e era tempo de regressar à cidade, visto cair já a tarde.

Sábado de manhã, doiam as pernas e pensámos que um carro era o ideal para nos conduzir, demais um belo grupo de irmãos e amigos, da cidade, dispunha-se a fazer a travessia de vinte e seis quilómetros, a pé.

Diremos que planeámos passar o Sábado na igreja do campo, visto lá haver mais Irmãos.

Eram 8,30 horas, quando chegámos ao Curral Grande, onde uma multidão nos esperava. Deu-se logo início à Escola Sabatina, que decorreu bastante activa. Fimda esta teve lugar um breve culto de consagração de dois diáconos e do missionário local, Ir. Gregório Rosa, a Ancião da Igreja.

Num pequeno intervalo, enquanto na sala cantavam, assistimos a uma modelar reunião de Igreja, onde em breves momentos se reconciliaram dois irmãos e um deles prometeu ser fiel a Deus. Não admira, pois tudo neste dia nos convidava para Deus.

Começou, então, o exame dos candidatos, seguido logo pela importante cerimónia, onde vimos dezasseis novos irmãos, serem lavados dos seus pecados pelas águas do baptistério sob a tribuna, também inaugurado nesse dia. Como era belo aquele cortejo de homens, senhoras, rapazes e meninas, morrendo para os seus pecados e resuscitando para Jesus!

O dia ainda estava para nos dar mais. Depois de apresentados os novos Irmãos à igreja, teve lugar uma cerimónia de casamento religioso de dois irmãos, um dos quais baptizado nesse dia. Lá no fundo da sala um irmão pediu para consagrar a Deus os seus meninos e logo uma significativa cerimónia, com mais de uma dezena de crianças dedicadas a Deus, teve lugar. Faltava a Santa Ceia. O lava-pés, cerimónia realizada pela primeira vez pela maioria, foi celebrado com o maior respeito jamais presenciado por mim.

Os emblemas foram servidos pelos novos diáconos, sentindo-se verdadeiramente a presença do Espírito Santo.

Eram 15 horas e ninguém ainda tinha pensado em comer, mas era tempo de começar a debandada pelos caminhos mais diversos.

Alguém notou que faltavam as fotografias, o que ainda veio a tempo.

Diremos que Curral Grande, onde temos Igreja, é um centro de povoados, abrangendo a parte Norte da Ilha. A parte Sul está agora a ser atingida pelo Evangelho. A rigor diremos que mais ou menos temos Irmãos por toda a ilha.

Como o camião ainda tinha lugares, a lotação foi imediatamente esgotada por aqueles que podiam aproveitar uma boa parte do caminho. Todo o caminho viemos deixando «passageiros» e um dos últimos, uma nova Irmã, expressando-se no seu interessante «crioulo», disse, elevando as mãos ao céu: «Nhôr Deus, Nhôr Deus, esse que religião sabe, nunca in ca montá na carro».

A vontade do almoço não nos deu tempo para mais e foi com alegria de termos feito um bom trabalho que começámos a saborear algumas es-

casas vitaminas que a nossa Irmã Mercedes Rosa nos conseguiu angariar.

Fimdo o dia, mas chegou a vez de ponderarmos nos problemas do Fogo. Temos de providenciar uma capela, com sala anexa para escola. Alguns irmãos já os vi ficarem de pé e mais de trinta crianças se reúnem, mais ou menos, nos Sábados. Alguns sem terem oportunidade de escola por a oficial estar de lotação esgotada.

A sala que temos de aluguer de um irmão, não nos pode dar mais. Pelo espírito que reina e andamento das coisas, não me admiro que ainda este ano outras dezasseis almas estejam prontas para o baptismo. As colectas e dízimos estão animando.

Escolas: Funcionaram três escolas.

BRAVA — Funcionou com média de vinte alunos. Estão propostos para exame sete do 1.º grau e um do 2.º.

PRAIA — Teve uma média de trinta alunos, incluindo classes primárias e 1.º ano do liceu.

Estão propostos nove do 2.º grau, um do 1.º e dois a três de admissão.

FOGO — Funcionou em casa particular com explicações do Ir. Ney Cardoso, que lhe não pôde dar a atenção devida. Está um aluno proposto a exame.

Em Praia estamos ultimando uma classe baptismal de cinco pessoas. Continuamos a lamentar a sorte de S. Vicente onde continuamos perdendo oportunidades.

Quem desejará dedicar-se ao trabalho em Cabo Verde?

Orai por esta parte do campo.

30 de Junho de 1951.

FRANCISCO CORDAS

Fogo

O título do artigo que vão ler relembra o trágico dos dias de grande aflicção por que passou o povo do Fogo, quando o seu vulcão entrou em recente actividade em 12 de Julho, ainda de manhã muito cedo. De facto, os violentos abalos sísmicos da noite anterior eram já um prelúdio desse tão sinistro acontecimento. E no dia supracitado de repente se soube em S. Filipe, que algumas crateras haviam sido abertas na denominada planície da Chã, base do referido vulcão. Desde então o povo ficou cheio de terror, pois os estrondos que se ouviam assemelhavam-se aos ribombos do trovão, o que nos transportava em pensamento aos probantes eventos do Monte Sinai. Da cidade viam-se densas nuvens de fumo, que saindo por detrás da serra enegreciam o céu que tomava uma côr sombria. Mas por milagre da Divina Providência, não se permitiu que olhos razos de Lágrimas contemplassem ainda para o seu desespero, grandes torrentes de lava, incandescente, que o povo da vizinha ilha de S. Tiago via com bastante susto, chegando até a supor que o Fogo estava a desfazer-se em cinzas.

O terror, era de facto, indescrizível: — Uns choravam, outros gritavam horrorizados e ainda outros corriam doidamente; comerciantes e funcionários deixando os seus cargos, saíram naturalmente em demanda de refúgio ou para conforto dos seus entes queridos; uma amálgama de gente aflita estacionava à porta da igreja, assustando cada vez mais; grande quantidade de escória, semelhante a areia fina, expelida pelo vulcão revoltado, era projectada no ar, atingindo a ilha Brava, onde havia também grande receio; e em breve telhados, quintais, terraços e ruas se en-

cheram desse produto de erupção vulcânica, dando à cidade de S. Filipe o triste aspecto de uma carvoaria. Durante muitas noites, em obediência à ordem administrativa, ninguém dormia em casa, excepção feita dos que oravam e punham a sua confiança em Deus «Rocha Eterna».

Mas lá fora, no interior da Ilha, as coisas se passavam com mais intensidade ainda: — O povo de Relva e Corvo, cujas casas pareciam enterrar-se, fugiam para os Mosteiros, deixando tudo; a gente de Cova Matinho, Bombardeiro, Cova Figueira, Mãe Joana, Estância Roque, Monte Largo, etc., entrando na estrada, corria atônita para S. Filipe, tendo sido detida em Patim, a 15 quilómetros de distância, onde ficou por ordem do administrador, e muitas barracas foram imediatamente improvisadas para albergar os refugiados que ali tomavam as suas refeições, distribuídas pelo Corpo administrativo.

Alguns dias depois, com a lentura do estrépito vulcânico, cerca de 2.000 pessoas (um verdadeiro êxodo), iam a caminho das suas aldeias, cujo conjunto formava um quadro deveras comovedor: — Os mais novos levavam consigo os seus farnéis; homens e mulheres, vergados ao peso da idade, caminhavam a custo apoiados pelo bordão que seguravam as mãos calejadas; automóveis e carros de transporte sulcavam a estrada numa azáfama de vaivém, facilitando assim o caminhar dos mais lerdos; e alguns homens e mulheres transportavam às costas as suas criancinhas.

Não houve prejuízos pessoais, excepto uma criancinha que dizem ter ficado sepultada sob as lavas; mas grandes e consideráveis foram os estragos materiais: — desmoronamento de casas, motivado por fortes sacudidas; outras que eram sepultadas por grandes torrentes de lava; lojas recheadas que desapareciam, sendo devoradas pelo incêndio; terrenos inutilizados e grande porção da estrada que ia ter aos Mosteiros, ficou completamente danificada sem poder ser transitada.

Não obstante a confusão e a aflicção desses dias, alegremo-nos em poder afirmar que nenhum dos nossos irmãos sofreu dano em suas fazendas. E tendo sido visitados pelo Anceião da Igreja, logo no dia seguinte, este os encontrou reunidos em grupos, orando e cantando hinos, pois estavam bem fortificados na promessa do Salvador: «SO-CORRO BEM PRESENTE NA ANGÚSTIA».

Todos nós estamos convictos de que tal acontecimento veio pela vontade de Deus, para provar os Seus filhos, desembaraçá-los dos obstáculos do mundo, purificá-los e levá-los para mais perto de Si. E como todas as coisas contribuem para o bem daqueles que O amam, cá estamos, portanto, à espera de ver os melhores resultados.

GREGÓRIO ROSA

ESCOLA PRIMÁRIA DA MISSÃO DE S. TOMÉ

A finalidade da nossa Escola é preparar a mente das crianças para estarem aptas a receber o verdadeiro conhecimento de Deus e o plano redentor de Seu Filho Jesus.

Transcrevo a declaração da irmã White sobre este nobre trabalho:

«A melhor obra que homens e mulheres já empreenderam, é lidar com mentes juvenis. O máximo cuidado deve ser tomado na educação dos jovens; varia o modo de ensinar, de maneira a despertar as elevadas e nobres faculdades da mente. Os pais e professores estão por certo inaptos a educar devidamente as crianças, uma

vez que não hajam aprendido primeiro a lição do domínio próprio, da paciência, da clemência, mansidão e amor». — *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, pág. 65.

Dos alunos que frequentam a Escola, noventa por cento pertencem a famílias alheias à nossa Fé; o ensinamento das Sagradas Escrituras e dos nossos princípios, porém, não se perderá, porque os factos que a consciência da criança regista durante a sua vida escolar, e que nem sempre tem presentes no espírito, não constituem noções perdidas, ficarão gravados no subconsciente e, pela vida fora, o rapaz ou rapariga recordará sempre os belos ensinamentos aprendidos na classe do maior Mestre que existiu na Terra, JESUS.

Eis o mais sublime objectivo da nossa Escola. Quanto aos resultados obtidos nos estudos oficiais, considero-os excelentes. Durante o ano lectivo de 1950-51 houve uma frequência de 250 alunos de ambos os sexos e a muitos negámos matrícula, pois não possuímos salas e professores suficientes.

Nos exames de passagem de classe, com a presença do Inspector Escolar, sr. Padre Martinho Pinto da Rocha, transitaram da 1.ª à 2.ª classe trinta e cinco alunos, e da 2.ª à 3.ª trinta e dois. Nos exames do 1.º grau (3.ª classe) ficaram aprovados trinta e sete alunos e nos do 2.º grau (4.ª classe), vinte e um.

Esta vitória alcançámos com o auxílio de Deus e o esforço abnegado dos professores, principalmente o director da Missão e sua esposa.

O maior reclamo da Escola é o ensino eficiente, paciência, amor, bondade e sociabilidade cristãos, e por isso goza boa reputação entre o povo desta encantadora Ilha.

A criança santomense é civilizada, perseverante e inteligente, mas os professores defrontam algumas dificuldades, sobretudo na língua e hábitos.

Em família e entre elas, falam a sua língua peculiar, prejudicando o português que aprendem nas classes e na maioria dos casos o professor ainda tem que educar a criança na parte que competia aos pais.

A Escola tem servido, até ao momento presente, de ponto de contacto entre o povo e a Missão. «Religião do Demónio!», era este o pensamento predominante dos nativos, relativamente à Missão Adventista, porque assim os ensinavam os seus guias religiosos que há quatrocentos anos dominam a mente deste povo; hoje graças a Deus vai desaparecendo essa ideia supersticiosa e é com prazer que vemos os rapazes e raparigas afluírem à «Escola do Diabo!», como a denominavam, para receberem a instrução e educação cristãs, com rostos confiantes, prontos a desmentir o preconceito de seus pais e avós.

Esperamos, com a graça de Deus, a prossecução da tarefa que nos foi confiada, contribuindo para elevar física, moral e espiritualmente os jovens santomenses e ao mesmo tempo infundir os magníficos ensinamentos de Jesus, cooperando com a Igreja na difusão da mensagem da Segunda Vinda de Jesus a este mundo doente e inquieto. Termino com as confortadoras palavras de S. Paulo:

«Portanto, meus amados irmãos, sede firmes e constantes, sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que o vosso trabalho não é vão no Senhor». 1 Cor. 15:58.

JOSÉ AUGUSTO SILVA JÚNIOR

LARES DIVIDIDOS

(Continuado da página 7)

O Exemplo de Cristo

Desejo, de início, declarar que o primeiro dever da esposa é para com Cristo, seu Salvador. Ela não se pode permitir fazer aquilo que sabe ser contrário à Sua vontade. Ele, eis o exemplo a seguir. Estivesse Jesus na terra, ela pode bem compreender, seria inconcebível que assistisse a teatros e cinemas, salas de dança ou jogos de cartas. Ora, se Cristo não faria isso, tão pouco o podem Seus discípulos fazer. Ao contrário, porém, o discípulo deve viver por tal forma que, como Daniel outrora, ocasião alguma seja encontrada contra ele, a não ser em sua lealdade para com o que é recto.

Quando na terra, Cristo vivia em um lar dividido. Os que se chamavam Seus irmãos, os filhos de José, pouca fé tinham em Sua divina missão. Sua vida piedosa era fonte de irritação para eles. Veja o leitor, se tiver na sua estante, o capítulo «Dias de Luta», no livro sobre a vida de Jesus.

Lembrando-se as nossas leitoras que vivem em lares divididos, do que Jesus suportou em Seu lar terrestre, serão estimuladas a sofrer animosamente as provas e as dores. Devem manifestar para com o marido e os filhos incrédulos o mesmo espírito bondoso, gracioso e amável mostrado por Cristo. Ele é nosso Exemplo, Procurava conquistar e não repelir. E ganhou alguns de Seus irmãos, se não todos. Ouvimos falar mais tarde de «Tiago, irmão do Senhor».

Assim, a mulher piedosa deve fazer tudo ao seu alcance para grangear a seus amados. Sede pacientes na provação. Não retruqueis com palavras ásperas quando censuradas ou criticadas. Manifestai profundo interesse no trabalho de vosso esposo; animai-o na consecução de todo o objectivo digno. Convidai os seus amigos para o vosso lar. Procurai tornar aprazíveis todos os dias da vida doméstica.

Ele lembrai-vos de que não estais sós em vossos esforços cristãos. Tendes um dedicado Amigo, um Salvador capaz de compreender com terna simpatia. Pelas próprias experiências conhece Ele as vossas lutas, as vossas provas. «Visto que temos um grande sumo sacerdote, Jesus, Filho de Deus, que penetrou nos céus, retenhamos firmemente a nossa confissão. Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se de nossas fraquezas;

porém um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado. Cheguemos, pois, com confiança ao trono da graça, para que possamos alcançar misericórdia e achar graça, a fim de sermos ajudados em tempo oportuno.» Heb. 4:14-16.

Orai por vossos amados, vosso esposo, vossos filhos. Orai a Deus para que os atraia a Si. Sede, porém, cuidadosos, em vosso zelo pela salvação deles, para não lhes impordes continuamente o peso que tendes no coração em seu favor. Procurai conquistá-los pelo amor, mediante uma coerente e piedosa vida cristã. Sede perseverantes na oração. Inúmeros revelam definidos resultados, por vezes dentro em pouco tempo, às vezes após anos de oração e fé.

Cuidai em confiar a outros as vossas provações e perplexidades de família. Guardai nos limites do lar as desagradáveis palavras proferidas. Se buscardes conselho em alguma probante situação, pedi o auxílio de algum experiente amigo que vos não traia a confiança.

Lembraí-vos, porém, sempre de que existe Alguém a quem vos podeis dirigir, Alguém que nunca se cansará de que O busqueis, e jamais vos repelirá. Podeis apresentar-Lhe as pequenas provações, essas que se afigurariam insignificantes aos demais. Aquele que observa a morte de uma avezinha, ajudar-vos-á, pois sois aos Seus olhos de mais valor que muitos passarinhos. Em verdade, Ele vos reputa de tanto valor, que deu a vida por vossa salvação. Que maravilhoso Amigo! Crede n'Ele, n'Ele confiai, regozijai-vos em Sua amorável comunhão.

REVISTA ADVENTISTA

ÓRGÃO EXCLUSIVAMENTE RELIGIOSO
E DE INFORMAÇÃO DA IGREJA
ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

DIRECTOR: ERNESTO FERREIRA
ADMINISTRADOR: P. BRITO RIBEIRO

Corpo de Redacção: F. Cordas, J. A. Esteves,
E. Ferreira, M. Lourinho, E. P. Mansell, E. Miranda
e M. M. Viegas.

PUBLICAÇÃO MENSAL

Cont., Ilhas e Colónias

Número avulso 1\$50
Assinatura anual 15\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

TIP. GOMES & RODRIGUES, LDA.

32, RUA DAS PICOAS, 34 — LISBOA